

**MACHADO DE ASSIS E O
JORNAL NO OITOCENTOS
BRASILEIRO: A CRÔNICA
COMO INSTRUMENTO DE
CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA E
EMPÍRICA DO LEITOR**

PINA, Patrícia¹
JÚNIOR, Nelson²

1 Patrícia Kátia da Costa Pina, Doutora em Literatura Comparada, Professora Adjunta de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus, Bahia.

2 Nelson de Jesus Teixeira Júnior e aluno do Curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus, Bahia, bolsista de IC da FAPESB e orientando da doutora Patrícia Kátia da Costa Pina.

RESUMO: Este artigo aborda algumas crônicas de Machado de Assis, tomando-as como textos estratégicos, no que tange à construção imaginária e empírica do leitorado brasileiro. Trata-se de estudo que analisa as relações entre o impresso e o receptor oitocentista, estabelecidas nos textos recortados por meio de mecanismos discursivos específicos, como a natureza fragmentária do tipo de narrativa em tela, o que gera a criação de mosaicos temáticos. Tais mosaicos, aproximando-se da própria configuração da folha jornalística, adequar-se-iam às peculiaridades dos diferentes segmentos do leitorado de então, podendo dialogar com padrões de gosto já existentes e, simultaneamente, criar novos padrões. O enfoque da crônica demanda que se discuta uma possível flutuação de fronteiras entre documento/ficção, a qual funciona, aqui, como uma das portas para a investigação sobre as relações texto/jornal/leitor próprias do final do século XIX. O objetivo deste artigo é, assim, investigar algumas das estratégias autorais e editoriais usadas na época, no intuito de que se construísse o público leitor e consumidor dos bens culturais impressos que eram produzidos, fazendo-os circular mais amplamente pela sociedade, de forma a que atingissem segmentos sociais antes desconsiderados, caso das mulheres, por exemplo. Para tanto, os mosaicos temáticos construídos nas crônicas em foco serão analisados sob a ótica da interação entre o ficcional e o histórico e enquanto instrumentos de formação do gosto pela leitura. A argumentação apresentada fundamenta-se na Teoria do Efeito, de Wolfgang Iser, na História da Leitura, de Roger Chartier, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, nos estudos sobre crônica, de Marília Rothier Cardoso, Sidney Chalhoub, Antonio Candido, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE : Atos de Leitura, Romances de Machado de Assis, leitor.

ABSTRACT: This article studies the representations of reading acts presented in the novel *Helena*, by *Machado de Assis*, by assuming that these representations are tools capable of configuring the 18th century Brazilian reader profile. In order to demonstrate this hypothesis, a comparative analysis is carried out - concerning the scenes that are performed by D. Úrsula, Helena and Estácio-, while taking into account social, political, and historical relations that involve the characters under investigation. We have noted "feminine" and "masculine" modes of reading, which permits one to reflect on the role played by women in Brazil at a patriarchal society, going through capitalism. The goal is to investigate the way this novel works in the formation and the maintenance of patterns of taste concerning literary reading. The whole argumentation is underpinned by theoretical developments of authors such as: Wolfgang Iser, Roger Chartier, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Hélio Guimarães, among others.

KEYWORDS: reading acts, novel by Machado de Assis, reader.

Para se apresentar, a cada semana, diante dos leitores, o cronista cria atrações, descobre excentricidades...

Marília Rothier Cardoso

Marília Rothier Cardoso, no fragmento posto em epígrafe, aponta alguns aspectos fundamentais para o exercício do ofício de cronista no século dezenove brasileiro, momento de nossa história cultural em que o impresso começava a funcionar como bem de consumo diário, semanal, quinzenal ou mensal, compondo o corpo de hábitos dos indivíduos e das famílias brasileiras. Um desses aspectos, que destacamos na leitura do trecho em epígrafe, dá conta exatamente da relação entre o texto impresso e os leitores da época.

A crônica apresentava-se “diante dos leitores”, talvez como um espetáculo teatral. Trata-se de um tipo de texto cujo olhar sobre o mundo é panorâmico, sem que o potencial crítico e reflexivo seja abandonado. Assim, a cada publicação, a crônica oferecia (e oferece ainda) ao leitorado uma miniaturização do próprio mosaico jornalístico. Suas estratégias fazem-na oscilar entre o factual e o ficcional. O leitor que ela implica, imagina e representa difere do leitor de formação humanística e literária. A crônica, como a mídia que lhe dá suporte, quer chegar a um público mais amplo, “educado” pelos moldes capitalistas de consumo. Seu leitor está nas ruas, nas boticas, nos cafés, na Rua do Ouvidor ou no Passeio Público. Ele discute política, economia, poesia e moda.

Para tanto, o uso da imaginação no processo de releitura do mundo factual foi indispensável. Os escritores que respondiam por colunas, então, criavam fórmulas de sedução do receptor, buscavam aliciá-lo, fosse pela técnica narrativa, pelo recorte temático ou pelo tipo de leitor implicitado nos textos e dado como “guia” de leitura.

O encanto da crônica é coisa antiga. É o texto que traz “a vida ao rés-do-chão”, como afirma Antonio Candido em publicação de 1981(e 1992). Segundo ele, “...ela fica perto de

nós...”(CANDIDO, 1992: 13). Seu espaço é o do nosso mais corriqueiro cotidiano, mesmo quando ela resvala pelo lírico – e até principalmente quando ela resvala pelo lírico. Para Candido, a crônica “... pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais fantásticas, – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.” (CANDIDO, op. cit.: 14)

Chalhoub, Neves e Pereira, na “Apresentação” do livro por eles organizado, cujo título é *História em cousas miúdas*, ressaltam o tom de conversa leve e descontraída que marca a crônica desde seu surgimento na imprensa européia e, posteriormente, brasileira: “Ao tratar de temas diversos, alinhavados pela arte das transições, fariam dos pequenos acontecimentos sua matéria-prima privilegiada. Presos aos assuntos do dia, tais textos seriam efêmeros e passageiros, ligando-se de forma direta a seu tempo.” (CHALHOUB, NEVES, PEREIRA, 2005: p.9)

Esse traço da crônica lançou-a em uma espécie de limbo, em relação ao texto reconhecidamente literário e permitiu, por outro lado, que se construísse, entre o cronista e o público, uma cumplicidade peculiar. Tal vocação para as miudezas da vida traz a crônica para a nossa intimidade, permitindo-nos senti-la no jogo de nossas emoções e de nossas reflexões diárias. Esse jogo pautava-se e pauta-se ainda hoje em códigos, repertórios, compartilhados entre escritor, periódico e leitorado. Desafiando os paradigmas literários e pondo em diálogo o ficcional e o não-ficcional, a crônica aproxima a literatura do solo em que pisamos, pois ela lida com o sabido e o sentido, com o conhecimento da vida. Casualidade, oralidade são seus instrumentos de contato com o público, ao menos, seus instrumentos iniciais. Ela opera uma intervenção no real, atraindo o leitor pela leveza e pela intimidade.

Tendo como tarefa agradar ao leitorado específico da folha em que publicava, o cronista do oitocentos estabelecia laços com o público que faziam do texto impresso um forte instrumento de formação de gosto pela leitura literária e não-

literária. Nos folhetins semanais, vários assuntos precisavam ser tratados e organizados pelas crônicas, essa intervenção do ficcional no factual indiciava a filiação político-ideológica da crônica e apontava para um possível perfil dos grupos sociais consumidores de cada periódico.

Estudar a crônica produzida no século XIX por Machado de Assis e buscar suas relações com o público, seus meios de seduzi-lo e provocá-lo para novas e diferenciadas leituras, é o objetivo deste artigo. É a crônica como instrumento de construção do leitorado brasileiro dessa época, como estratégia de estabelecimento de padrões de recepção e gosto, que será enfocada aqui. Que mecanismos discursivos e que estratégias editoriais foram usadas pelo referido escritor e seus editores, a fim de que pudessem envolver o leitor oitocentista, mais afeito à conversa que à leitura, inserindo em seu cotidiano o consumo do impresso?

Ressaltamos o fragmento a seguir, destacado de uma crônica machadiana: “A senhora é uma linda frase de artista. Tem nas formas um magnífico substantivo: os adjetivos são da casa de Madame Guimarães. A boca é um verbo. *Et verbo caro facta est.*” (ASSIS, 1957[1893]: 408) O trecho pertence a uma crônica bastante provocadora. Trata-se da representação de uma conversa entre uma leitora insatisfeita e um cronista, que se afastara da coluna na semana anterior por problemas de saúde. A leitora reclama a presença do cronista, colocando sob suspeita a doença alegada e imputando ao texto a característica de soporífero (ASSIS, op. cit.: 409). É uma leitora ousada, sem dúvida. E ela carrega uma dupla representatividade: tanto supõe uma dada atitude autoral, como indicia uma situação para o leitor no cenário cultural oitocentista brasileiro.

Segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman, “...só existem o leitor, enquanto papel de materialidade histórica, e a leitura, enquanto prática coletiva, em sociedades de recorte burguês, onde se verifica no todo ou em parte uma economia capitalista.” (LAJOLO, ZILBERMAN, 1996: 16) Leitor e consumidor são, portanto, termos equivalentes no dezenove brasi-

leiro. A descontração própria das crônicas desenha traços de cada grupo de consumidores desses bens culturais impressos. Daí a ousadia da *ficção de leitora* na crônica machadiana: é ela a grande agente do meio intelectual, concebido enquanto mercado de circulação de bens culturais. Daí a autoridade a ela atribuída. Mas essa é uma das pontas do *iceberg*.

Em sua primeira crônica sob a rubrica *A Semana*, Machado de Assis define o cronista:

Sou como as atrizes, que já não fazem benefício, mas *fecha artística*. A coisa é a mesma, os bilhetes crescem de igual modo, seja em número, seja em preço: o resto, comédia, drama, opereta, uma polca entre dois atos, uma poesia, vários ramalhetes, lampiões fora, e os colegas em grande gala, oferecendo em cena o retrato à beneficiada. (ASSIS, 1996 [1892]: 45)

O cronista se vê em meio a uma sociedade do espetáculo, sabe que precisa entrar no seio dessas práticas culturais, para poder se utilizar delas com mais propriedade. Ele sabe que tem *leitores e leitores austeros*, sabe que precisa escrever para todos. A construção irônica de sua narrativa parece visar exatamente a um jogo com o receptor, uma espécie de esconde-esconde. O resultado final seria uma leitura crítica dos textos em circulação.

Uma das maneiras de envolver o leitor nas teias textuais é introjetá-lo nelas. A isso, Marisa Lajolo e Regina Zilberman chamam de *leitor de papel e tinta*:

Estes leitores de carne e osso, dos quais se ocupam os censos e que sustentam o negócio dos livros, passíveis, portanto, de serem historicizados e estudados estatisticamente, têm sua contrapartida textual: o leitor empírico, destinatário virtual de toda criação literária, é também direta ou indiretamente introjetado na obra que a ele se dirige. Assim, nomeado ou anônimo, converte-se em texto, tomando a feição de um sujeito com o qual se estabelece um diálogo, latente mas necessário. (LAJOLO, ZILBERMAN, op. cit.: 16-17)

Diálogo necessário como meio de convencimento e persuasão do leitor oitocentista, habituado a uma cultura oralizada e pouco afeito ao impresso, ainda muito novo, com menos de noventa anos de vida em solo brasileiro, na época aqui recortada. Intimamente ligada a uma espécie de cruzada

pedagógica no campo cultural, própria do século XIX, essa *ficcionalização* de leitor se apresenta como expediente de sedução do público real. O leitor, em relação aos produtores de bens culturais impressos, é uma alteridade a ser conquistada, e isso com os meios que estiverem disponíveis. Para Machado de Assis,

O jornal apareceu, trazendo em si o gérmen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social. (ASSIS, 1985[1859]: V.3, 945)

Além de mudar as práticas de produção literária, e isso por envolver um público amplo, “democrático”, diferente das elites habituadas ao consumo do livro, o jornal – e os demais periódicos, acrescente-se – abalaria as estruturas das sociedades a ele sujeitas. Tal convicção nasce do fato de no Brasil, especialmente, o jornalismo, na ótica machadiana, efetuar um processo de educação informal, construindo esse novo público, historicamente habituado aos ornamentos discursivos que incentivavam a crença e a adesão às idéias alheias, e levando-o a fazer contato com uma maneira de produzir e divulgar bens culturais cuja ênfase vai para o individual, o particular, o reflexivo.

Para Marisa Lajolo e Regina Zilberman, “...o livro configura-se como lugar em que a noção de propriedade mostra a cara, conferindo visibilidade a um princípio fundamental da sociedade capitalista, construída a partir da idéia de que bens têm donos, fazem parte das transações comerciais...” (LAJOLO, ZILBERMAN, 2001: 18) O livro é patrimônio, é bem durável, pertence a uma ordem social ligada à noção de permanência e de valor material agregado. O livro não era e não é para “qualquer um”, é instrumento de exclusão social, ontem e hoje. O jornal, por seu turno, responde a uma demanda diferenciada: seu consumidor queria e quer um contato com o cotidiano imediato, quer entretenimento barato, quer conhecimento suficiente para “manter a prosa na esquina”, “a conversa fiada”, referida por Antonio Candido.

Ao jornal caberia a tarefa de estabelecer um universo de receptores, a partir daquilo que era vivenciado no cotidiano da sociedade. A crônica trouxe a informalidade para o espaço da escrita, expressando e discutindo a cidadania, instruindo e entretendo o público: “A imprensa como a crônica, ‘em que se fala de tudo’, se apresentam aqui como metáforas do espaço público. E, sob tal aspecto, elas se tornam um elemento essencial no processo de formação desse espaço em que interagem pessoas, classes sociais, assuntos e interesses diversos.”(CAVALLINI, 2005:329) A imprensa se tornou tão atuante nessa sociedade, que, na década de 1890, como registram Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca, foram comuns os ataques à imprensa, seguindo-se a isso a censura oficial. (MARTINS, DE LUCA, 2006: p.36) Para Machado de Assis, o jornal é a mídia adequada para levar essa tarefa a bom termo, conjugando práticas orais e práticas letradas. Machado de Assis sabe que o jornal é o primeiro veículo de divulgação de suas obras, mesmo daquelas apontadas pelo citado pesquisador como obras da época da decepção.

Enquanto suporte de informação e cultura, o jornal pode suprir as necessidades intelectuais do leitor. Mesmo em sua fase inicial, no Brasil do século XIX, ele poderia ser lido em qualquer lugar, por uma ou por várias pessoas, poderia ser alvo de uma leitura coletiva, alcançando, assim, até mesmo receptores analfabetos – poderia ser, também, emprestado, vencendo limites, imposições e dificuldades financeiras. A produção de grandes escritores, como também de escritores tidos como menores, posta em periódicos garantia o consumo por parte de boa parcela do leitorado oitocentista.

Como lembra Felipe Pena, “Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante.”(PENA, 2006: 28-29) Essa estratégia-mãe, a saber, a de usar o jornal como mídia literária, certamente ajudou na revisão de padrões de produção e recepção. Importada da Europa, foi ins-

trumento eficaz de educação informal do raro leitor brasileiro do século XIX.

Em suas crônicas, o escritor faz uma retrospectiva semanal de acontecimentos ligados à vida política, cultural, econômica do Rio de Janeiro e de outras partes do Brasil. É como se ele digerisse para seus leitores tudo que pudesse interessá-los, criando uma cadeia narrativa e reflexiva provocadora de uma leitura ativa. Ele relê situações de conhecimento público, trabalha com notícias divulgadas durante a semana em diferentes periódicos, não traz nada que seu leitor não pudesse entender e discutir e, quando o faz, estabelece cadeias associativas instigadoras de uma leitura reflexiva.

Em 15 de maio de 1892, retoma questões publicadas na *Gazeta de Notícias* e no *Jornal do Commercio*:

Não há abertura de Congresso Nacional, não há festa de Treze de Maio, que resista a uma adivinhação. A Sessão legislativa era esperada com ânsia e será acompanhada com interesse. A festa de Treze de Maio comemorava uma página da história, uma grande, nobre e pacífica revolução, com este pico de ser descoberta uma preta Ana ainda escrava, em uma casa de S. Paulo. (ASSIS, 1996 [1892], 57)

Os moradores da cidade, a quem a *Gazeta de Notícias*, periódico onde eram publicadas as crônicas, atendia, e mesmo moradores de outras localidades, já haviam tido notícia sobre a questão do Congresso, com certeza sabiam do Treze de Maio, até poderiam ter lido algo sobre a escrava Ana, mas o cronista associou esses elementos díspares, na aparência, criando uma linha narrativa capaz de levar esse leitor comum a pensar no processo político brasileiro e na questão da sociedade escravocrata que ainda resistia à Lei maior. O cronista machadiano resvala pelo fazer da história. E sobre essa questão, ele registra: "Eu, se algum dia for promovido de crônica a história, afirmo que, além de trazer um estilo barbado próprio do ofício, não deixarei nada por explicar..." (ASSIS, op. cit.: 72)

Por esse fragmento, pode-se perceber uma de suas estratégias, ligada à sua ficcionalização de leitor: o cronista pode ir deixando vazios espalhados pelo texto, pode disseminar *negações*, que exijam, por parte do leitor, uma atividade

imaginária – e, é claro, reflexiva. O Historiador precisa esconder as brechas de seu discurso, precisa mascarar todos os nexos que cria. O cronista é livre para flandar de um assunto para outro, deixando ao leitor implícito no texto a tarefa de guiar os possíveis leitores empíricos.

Nas crônicas machadianas percebe-se essa vontade de dar ao leitor a chance de entrar no texto e jogar com ele, produzindo sentidos não exatamente iguais aos previstos. Isso remete à tradição francesa do folhetim, cuja linguagem era mais acessível que a das demais narrativas destinadas à publicação em livro, o que contribuiu para a democratização do impresso. Felipe Pena lembra que “A intervenção constante dos leitores é peça fundamental na estratégia folhetinesca.”(PENA, op. cit.: p.30)

Machado de Assis quer que seu leitor se aventure na trama das palavras, daí chamá-lo tantas vezes, daí inseri-lo em formas verbais pluralizadas: “Não sei bem onde tínhamos ficado...”(ASSIS, op. cit.: 73), “Mas se assim explicarmos o primeiro bocejo divino...”(Idem: 77), “Voltemos ao carrilhão.”(Idem: 83), “Começemos por excluir a abstenção.”(Idem: 99). Essa implicação do leitor no texto pode funcionar como um mecanismo criador de identidade, de familiaridade, conseqüentemente, de hábitos de leitura. Por se sentir próximo ao cronista, o “homem das ruas” não se sente excluído do universo da escrita, sente-se parte do cotidiano do escritor, do jornal – passa a ser parte do mundo capitalista.

A variabilidade de assuntos, às vezes aparentemente desconexos, também parece estabelecer uma espécie de *vazio*, a partir do qual o leitor compõe uma ação imaginária e produz sua leitura. A própria casmurrice do cronista machadiano, combinada aos outros aspectos da construção da crônica, pode funcionar nesse processo de ativação do imaginário.

No ensaio “Machado de Assis e a Musa Mecânica”, Flora Süssekind afirma:

Machado de Assis, ao contrário de sua charge por Bordalo Pinheiro, não costumava figurar esse tipo de fuga às possibilidades reais

de trabalho de um escritor na imprensa brasileira da época ou à materialidade mesma da impressão, dos tipos, do espaço restrito dos rodapés ou seções literárias de jornal. E, no seu caso, as formas que assume esse diálogo constante com a imprensa, com a impressão, teriam papel decisivo na sua produção ficcional. (SÚSSEKIND, 1993: 183-184)

Além de recursos como as referências aos leitores austeros (ASSIS, 1996 [1892]: 45), das inclusões do leitor como companheiro do cronista, Machado de Assis também trabalha com uma explicitação da materialidade do veículo jornalístico bastante rica. Na crônica de 1893 abordada no início deste artigo, vê-se o autor conversando com uma ousada leitora. Vale a pena retomar essa “conversa”:

-Não, não me mande embora, deixe-me ficar ainda um instante. É tão bom vê-la, mirá-la... E depois, advirto que estou apenas na tira oitava, e tenho de dar, termo médio, doze.

-Vamos; fale por tiras.

-Tomara poder falar-lhe por volumes, por bibliotecas. Não esgotaria o assunto: tudo seria pouco para dizer os seus feitiços e o gosto que sinto em estar a seu lado. (ASSIS, op. cit.: 409)

O cronista parece ficar à mercê do consumidor: pede que este continue a lê-lo. Só que a advertência de que um determinado número de “tiras” deveria ser preenchido, além de apontar para a obrigação profissional do jornalista – que deve ocupar um determinado espaço no papel, espaço este que lhe é prévia e sistematicamente indicado – dá outra dimensão ao relacionamento escritor/jornal/público: o termo mediano desse circuito – o jornal – tinha sua organização particular, a qual precisava ser seguida pelos dois outros termos – escritor e público, isso para que se estabelecessem hábitos de consumo para a mercadoria adquirida, emprestada ou ouvida, i.e., a fim de que o que estivesse impresso pudesse ser conhecido.

Em outras palavras: o meio material de divulgação do texto também compõe o *horizonte de expectativas* do leitor, do escritor e dos editores, a mídia dita as regras da produção e da recepção. Assim, o aparecimento repetitivo da mesma

coluna, nos mesmos dias, em um dado periódico, seria, de um lado, garantia de circulação para o jornal e, de outro, garantia de *distração* para o consumidor.

O narrador das crônicas machadianas não se limitava a preencher as “tiras” que lhe cabiam com o mero relato dos fatos da semana. Sua técnica narrativa implicou uma espécie de jogo com os diferentes segmentos do leitorado brasileiro, os quais o acompanharam em suas quatro décadas como “jornalista”. Esse jogo parece concretizar-se nos textos através da encenação de diálogos – como se lê acima – entre escritor e leitor (ambos ficcionalizados, é claro!), da interação entre situações e fatos “reais” e situações e fatos ficcionais, de comparações entre diferentes visões dos mesmos acontecimentos noticiados em variadas folhas, da fragmentação da narrativa etc. Essas armadilhas textuais combinam-se à materialidade do impresso.

Em “Do Livro À Leitura”, Chartier trabalha com a questão da posse do livro e com a questão dos usos do impresso e das formas de apropriação do mesmo, colocando sua história como uma história das práticas culturais a ele associadas: expõe duas formas de abordagem da história do impresso e da leitura – a que enfoca a produção de textos e a que aborda a produção de livros. O que importa para a investigação da leitura via produção de textos são as senhas, explícitas ou implícitas, trabalhadas pelo autor, suas instruções ao leitor, as quais têm duas estratégias, a saber, inscrever no texto convenções sociais ou literárias e empregar técnicas que objetivam a produção de um determinado efeito:

Existe aí um primeiro conjunto de dispositivos resultantes da escrita, puramente textuais, desejados pelo autor, que tendem a impor um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, seja fazendo agir sobre ele uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja. (CHARTIER, 1996: 96)

Essas instruções, no entanto, se cruzam com outras, relacionadas ao suporte material da escrita e que envolvem questões tipográficas, como disposição e divisão dos textos,

ilustrações etc. Tal trabalho editorial, essa maquinaria externa ao texto, interage com ele, e traz implícito o tipo de leitor a que o impresso se dirige. O enfoque do suporte material da escrita abre, portanto, espaço para o social. Os protocolos de leitura implicados no impresso indiciam os possíveis usos que cada grupo social pode fazer dele. Como afirma Márcia Abreu: “A leitura não é prática neutra. Ela é campo de disputa, é espaço de poder.” (ABREU, 2002: 15) A percepção da problemática envolvida no consumo do impresso implicou, desde seus começos, um investimento em estratégias capazes de abrir caminhos para que livros, jornais, folhetos, enfim, pudessem circular produtivamente nas sociedades.

Se o leitor, conforme a reflexão aqui estabelecida, é quem movimenta o mercado cultural – que lhe é imposto, registre-se –, sua apropriação dos bens culturais impressos é pessoal, é ousada, desafiadora. Ao menos, pode ser, e a leitora da crônica de Machado de Assis o atesta. Infere-se, também, que a leitura seria produção e atividade de indivíduos dominados por uma ordem maior, estruturadora das formas e manifestações da escrita.

Em se tratando de crônica – e de crônica escrita por Machado de Assis –, estudar as senhas autorais e as editoriais é fundamental para se perceber as estratégias de sedução e envolvimento de público. As senhas de autores, editores, gráficos, internas ao texto ou externas a ele, parecem operar como elementos condutores do ato de ler, sim, mas também, provocadores do imaginário dos receptores. Acima de tudo: entendo que tais senhas se inserem no projeto pedagógico assumido pelos intelectuais do século XIX, não apenas da primeira metade, mas de todo o século, no sentido de que se estabelecessem, a princípio, e se reformassem e alimentassem, posteriormente, padrões de consumo de bens culturais impressos, parâmetros de recepção cultural. Essas senhas funcionaram, segundo entendo, como elementos agilizadores de um processo de educação informal do leitorado brasileiro oitocentista.

A crônica machadiana constrói-se num espaço de enenação, em que realidade, história, cultura, ficção, imaginação convidam o leitor a participar do jogo narrativo. Assim, é possível pensá-la enquanto tipo de narrativa que pode cumprir as três maiores necessidades do mercado cultural que se formava no Brasil do século XIX: por circular tanto pelo campo ficcional, como pelo documental, real, através de relatos do cotidiano, muitas vezes recheados de humor, a crônica prestou-se muito bem ao papel de formadora de hábitos de consumo do impresso, fosse ele literário ou não, construindo padrões de gosto e ampliando regularmente o leitorado brasileiro.

Enquanto narrador que escreve para um leitorado heterogêneo, tanto em termos de repertório, como em termos da própria habilidade de reconhecer as territorialidades do ficcional e do não-ficcional, o cronista machadiano faz deslizar as fronteiras dessas mesmas territorialidades e capta a atenção de grupos diversos de consumidores, estabelecendo um movimento de reflexão sobre o universo que a todos cercava.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. “Prefácios: Percursos da Leitura”. In.: _____ (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras/Associação de Leitura do Brasil/ FAPESP, 2002.p.9-17

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. “29 de outubro de 1893”. In.: _____. *A semana*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1957. V.1. p.409-411

_____. “O Jornal e O Livro”. In.: _____. *Obra completa*. 5ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. V.3. p.943-947

_____. *A semana*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: HUCITEC, 1996.

CANDIDO, Antonio. “A Vida ao Rés-do-Chão”. In.: _____ et alii. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 14-30

CARDOSO, Marília Rothier. “Moda da crônica: frívola e cruel”. In.: CANDIDO, Antonio et alii. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 130-143

CAVALLINI, Marco Cícero. “Monumento e Política”. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *História em cousas miúdas*. Campinas: UNICAMP, 2005. p.299-339.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *História em cousas miúdas*. Campinas: UNICAMP, 2005.

CHARTIER, Roger. “Do Livro à Leitura”. In.: _____ et alii. *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. Introdução de Alcir Pécora. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 77-106.

GUIMARÃES, Hélio. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2004.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

MARTINS, Ana Luiza e DE LUCA, Tânia Regina. *Imprensa e cidade*. São Paulo: UNESP, 2006.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993.